

análise de conjuntura



Mercado de Trabalho: Recuperação dos Serviços e Bom Desempenho da Construção

VERA MARTINS DA SILVA (*)

Os indicadores sobre o mercado de trabalho da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PNADC/IBGE) indicam uma melhora econômica das pessoas através do aumento da Ocupação e da queda da Taxa de Desocupação. No entanto, os Rendimentos Reais têm sido impactados negativamente pela aceleração da inflação. No trimestre de março a maio de 2022 havia uma População Ocupada estimada em 97,5 milhões de indivíduos – um aumento de 2,4% em relação ao trimestre anterior (dezembro de 2021 a fevereiro de 2022) e um aumento de 10,6% em relação ao mesmo trimestre do ano de 2021, o que represen-

tou o aumento de 9,4 milhões de pessoas ocupadas no comparativo desses dois trimestres. O Nível de Ocupação, que relaciona o número de Pessoas Ocupadas em relação à População em Idade de Trabalhar, foi estimado em 56,4% no trimestre de março a maio de 2022 contra 55,2% do trimestre anterior (dez/21 a fev/22) e de 51,4% no mesmo trimestre do ano de 2021.

Ainda nesse trimestre de março a maio de 2022, o número de Desocupados (ou seja, aqueles que embora não tivessem trabalho realizaram esforços no sentido de consegui-lo no mês anterior à semana de referência da pesquisa) foi estimado em 10,6 milhões no Brasil – uma redução de 11,5% em relação ao

trimestre anterior e de 30,2% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, o que significa uma queda em torno de 4,6 milhões de pessoas Desocupadas no País.

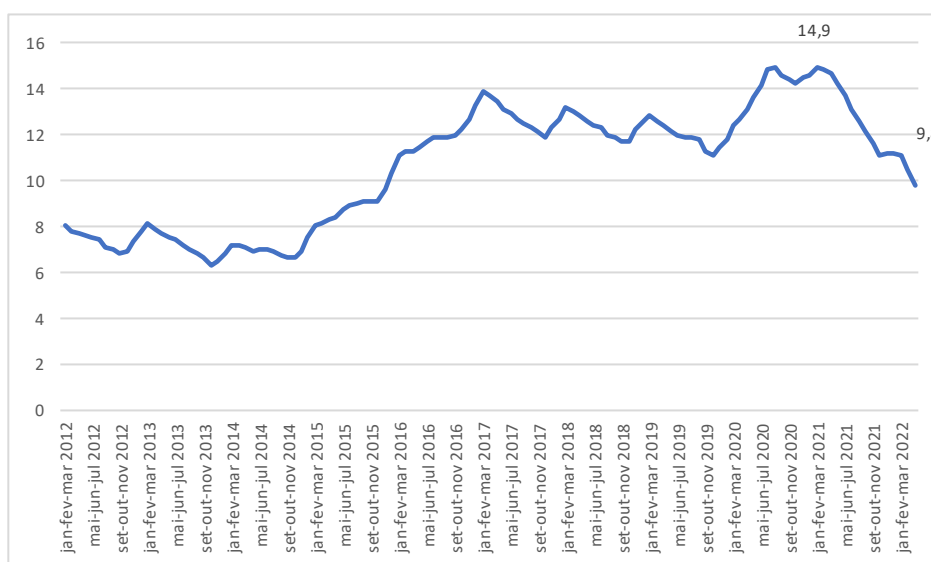
O mercado de trabalho apresentou resultados positivos no último trimestre com dados disponíveis. Além da Taxa de Desocupação, indicador mais usado, estimado em 9,8%, que caiu 4,9% no primeiro trimestre de 2022 contra o mesmo período de 2021, a Taxa de Subutilização da Mão de Obra, que inclui dados de baixo número de horas trabalhadas e desalento caiu ainda mais nesses dois trimestres (7,4%), sendo estimada pelo IBGE em 21,8% entre março e maio de 2022.

O Gráfico 1 apresenta o indicador Taxa de Desocupação estimado para o Brasil pelo IBGE desde o primeiro trimestre de 2012, destacando-se que entre 2012 e 2015 esse indicador do mercado de trabalho girava em torno de 7%, com a crise de 2015 a 2019 subiu para cerca de 12%, atingindo seu máximo no trimestre de julho/agosto/setembro de 2020 com 15% em decorrência dos choques múltiplos causados pela pandemia da Covid-19. A partir de 2021, ocorreu significativa redução da Taxa de Desocupação. Contudo, a Taxa de Desocupação encontra-se ainda acima daquela observada entre 2012 e 2014.

O Gráfico 2 apresenta o Rendimento Médio real desde o início da série (janeiro/fevereiro/março de 2012),

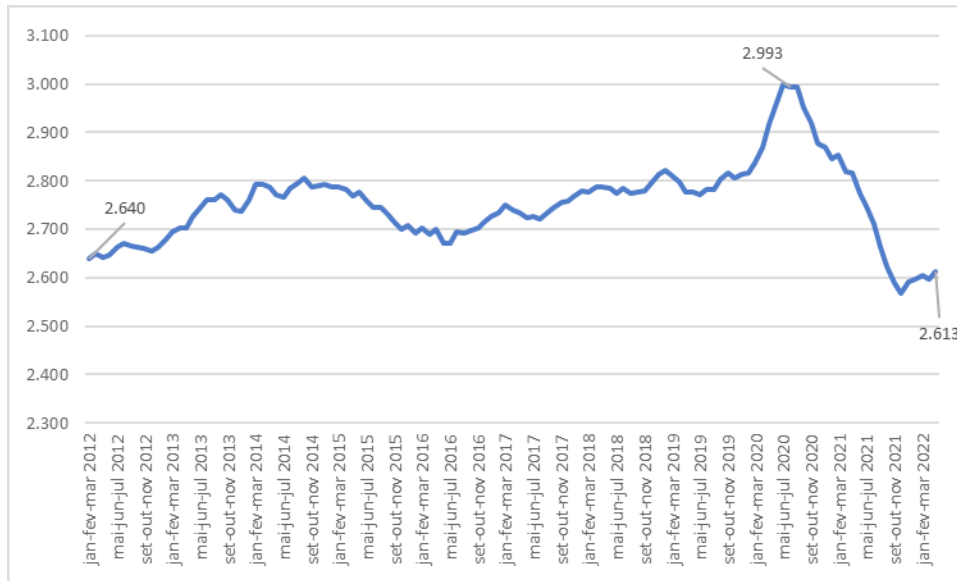
sugerindo um comportamento cíclico dos rendimentos em relação ao ciclo econômico. Quando a economia se expande, os salários seguem essa mesma tendência, como entre 2012 e 2014. Com a crise posterior, entre 2014 e 2016, há uma redução dos Rendimentos Reais e, a partir de meados de 2016, os Rendimentos passam a crescer até que a pandemia da Covid-19 causa um novo colapso da produção, emprego e rendimentos em meados de 2020. De então para cá, a Desocupação e a recuperação têm levado a economia a um baixo crescimento, com rendimentos também comprimidos. A partir de setembro/outubro/novembro de 2021, os Rendimentos Reais têm apresentado desempenho positivo, mas continuam abaixo do que eram no período pré-pandemia.¹

Gráfico 1 - Taxa De Desocupação, Brasil, Jan/Fev/Mar/2012 a Mar/Abr/Mai/2022 (%)



Fonte. PNADC/IBGE.

Gráfico 2 - Rendimento Médio, Jan/Fev/Mar/2012 a Mar/Abr/Mai/2022. R\$ (IPCA)



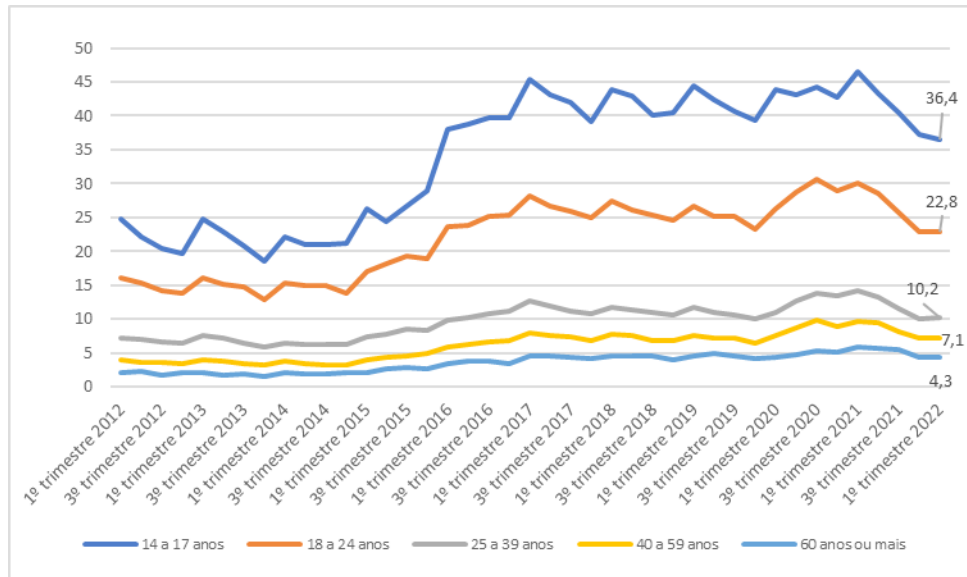
Fonte: PNADC/IBGE.

O impacto das crises sobre o mercado de trabalho é desigual entre as faixas etárias assim como entre os sexos, conforme pode ser visto nos Gráficos 3 e 4. O Gráfico 3 mostra como a Taxa de Desocupação entre os mais jovens foi substancialmente maior do que entre as faixas etárias a partir de 25 anos. A partir de 2015, a Taxa de Desocupação da faixa entre 18 e 24 anos aumentou em 10 pontos percentuais enquanto na faixa de 14 a 17 anos houve aumento 15 pontos percentuais. No caso das faixas etárias com maiores idades, o crescimento da Taxa de Desocupação foi em torno de 5 pontos percentuais. Estas informações evidenciam que a Taxa de Desocupação aumentou significativamente nos últimos anos em função da explosão do

número de jovens que buscam o mercado de trabalho para complementar a renda familiar deteriorada, ou mesmo perdida, devido às sucessivas crises que assolaram a economia brasileira.

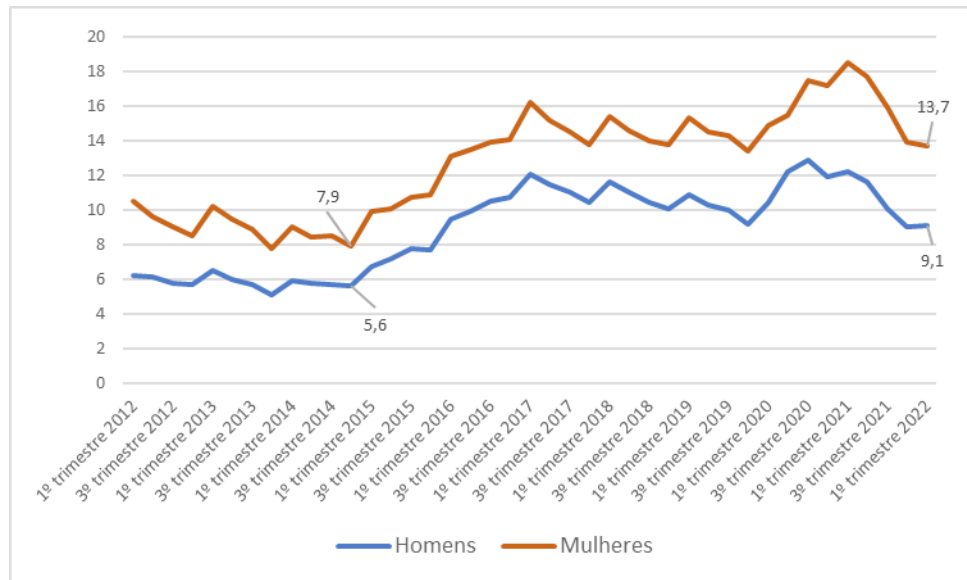
Entre as mulheres, o crescimento da Taxa de Desocupação foi também mais contundente. Além de historicamente a Taxa de Desocupação ser superior entre as mulheres do que entre os homens, o aumento dessa taxa desde o último trimestre de 2014 foi de 5,8 pontos percentuais enquanto entre os homens foi de 3,5 pontos percentuais. Ver o Gráfico 4 sobre a evolução da Taxa de Desocupação entre sexos no Brasil a partir do primeiro trimestre de 2012.

Gráfico 3 - Taxa de Desocupação por Faixa Etária, Brasil, 1º Tri/2012 a 1º Tri/2022



Fonte: PNADC/IBGE.

Gráfico 4 - Taxa de Desocupação por sexo, Brasil, 1º trim/2012 a 1º trim/2022



Fonte: PNADC/IBGE.

Neste trimestre de março a maio de 2022, relativamente ao mesmo trimestre de 2021, os dados da PNADC mostram que o crescimento da Ocupação ocorreu entre os Empregados do Setor Privado, com aumento de 6,3 milhões de pessoas (+15%), com maioria dos Com Carteira, +3,8 milhões (12%) e aumento de 2,4 milhões de Sem Carteira (+24%). Destaque também para o crescimento do número de 1,5 milhões de Conta Própria (+6,4%), mas, neste caso, com o predomínio dos Sem CNPJ (+983 mil). Os Conta Própria com CNPJ tiveram aumento de 549 mil no comparativo desses dois trimestres de 2021 e 2022.

Nesse período, os Empregados do Setor Público tiveram estabilidade em termos de contingente, mas houve uma queda do número absoluto de Servidores Públicos Estatutários e de Militares, queda essa compensada por um aumento do número de Empregados Sem carteira. Dois grupos que apresentaram expansão foram o de Trabalhadores Domésticos, com crescimento de 995 mil (+21%), dos quais 85% são Sem Carteira, e o dos Empregadores, com aumento de 590 mil (+16%).

Entre os setores que mais apresentaram crescimento do número de Ocupados destacam-se aqueles que mais sofreram com a pandemia da Covid-19 e agora estão em processo de recuperação: em primeiro lugar, o setor de Comércio, Reparação de Veículos Automotores e Motocicletas, com expansão de 2,5 milhões de ocupados (+15%); Alimentação e Alojamento, com expansão de 1,1 milhão de ocupados (+27%); e Indústria Geral, com expansão de 1,2 milhões (+11%).

O bom desempenho do mercado de trabalho pode ser visto também pelas informações do Novo Caged/Ministério do Trabalho, que são dados administrativos de contratações e dispensas de funcionários no mercado de trabalho formal. No ano de 2022, incluindo o mês de maio, houve um aumento líquido de 1.051.503 novos vínculos empregatícios, sendo 69% com ensino médio completo e 52% na faixa entre 18 e 24 anos. Entre os setores produtivos, o maior destaque em termos de números absolutos foi a expansão de 651 mil vínculos nos Serviços (+3,4%) e de 156 mil na Construção (+6,7%). A recuperação dos Serviços e continuidade

do bom desempenho da Indústria da Construção são os principais fatores dos resultados do mercado de trabalho.

1 Embora a queda de Rendimentos Reais tenha predominado na maior parte dos setores neste momento de recuperação da Ocupação, há alguns poucos setores que, ao contrário, apresentaram aumento de Rendimentos Reais na comparação do primeiro trimestre de 2022 com o mesmo trimestre de 2021. É o caso de ocupações ligadas a Transporte, Armazenagem e Correio (+6,1%), Outros Serviços (+3%), Construção (+4%) e Agricultura (+2,2%).

(*) Economista e doutora pela FEA-USP.
(E-mail: veramartins2702@gmail.com).